



Participação cidadã nas plataformas: oscilações de sentidos nos comentários em *lives* do governador Eduardo Leite sobre a pandemia de Covid-19

Anderson Guerreiro¹
Maria Clara Aquino Bittencourt²

Resumo: Este artigo analisa os comentários de duas *lives* feitas pelo governador do Rio Grande do Sul, Eduardo Leite, com informações sobre a pandemia da Covid-19 no estado. Verificamos quais os reflexos da comunicação estabelecida neste canal na compreensão das pessoas sobre o avanço da doença, as implicações no contexto social e econômico do Estado, bem como as relações dessa comunicação com o funcionamento do Facebook enquanto plataforma de mediação desta comunicação. Concluímos que o apoio majoritário às medidas de isolamento e restrições econômicas, identificado em março, deu lugar a críticas e a preocupações com empregos e empresas, em julho. Destacamos, a partir do aporte teórico e metodológico a interferência do Facebook, como plataforma digital, na comunicação entre o governador e as pessoas como um agente limitador e fragmentador das discussões.

Palavras-chave: pandemia; comentários; governador; participação; Facebook.

1. Introdução

A intensa circulação de informações nas plataformas digitais durante a pandemia da Covid-19 reflete uma acentuação do debate político tendo como pilar algo possivelmente inédito no Brasil, no contexto das redes digitais, que é a saúde. Desde a confirmação do primeiro caso de infecção pelo novo coronavírus no Brasil, em 26 de feverei-

¹ Mestrando do Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação da Unisinos E-mail:001@gmail.com

² Orientadora do trabalho e professora do Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação da Unisinos E-mail: jaquino@unisinos.br

ro³, o poder público, nas suas mais diversas esferas, tenta se organizar, a seu modo e com objetivos igualmente diversos, para se comunicar com seus públicos. Alguns estudos sobre plataformas digitais (POELL; NIEBORG; VAN DIJCK, 2020; COULDRY; MEJIAS, 2019) indicam, no entanto, que a comunicação nestes ambientes possui problemas que dificultam o alcance e a visibilidade dos conteúdos publicados, entre outras questões. Enquanto na primeira década dos anos 2000 falava-se sobre o caráter libertário das redes (CASTELLS, 2003, PAPACHARISSI, 2009), o que vemos hoje é a consolidação de características e processos de datatificação e algoritmização que restringem a ação de múltiplos setores e atores envolvidos na comunicação que se estabelece nas plataformas.

Este artigo analisa oscilações de sentidos em redes digitais sobre a Covid-19 e a crise decorrente da pandemia, saindo de uma discussão sobre informações falsas ou verdadeiras para compreender a diversidade de sentidos que emergem a partir da comunicação estabelecida por um ator político durante a gestão da crise, instituída em formato digital. Nosso foco é o Rio Grande do Sul, que teve o primeiro caso confirmado da doença em 10 de março⁴. Tomamos como *corpus* de análise os comentários de duas *lives* do governador do estado, Eduardo Leite, sobre a pandemia. A primeira é de 27 de março e a segunda, 27 de julho. Entre elas 120 dias, uma situação completamente distinta da pandemia e todos os seus efeitos sobre as pessoas, as cidades, a economia e as ações do poder público. Identificamos as principais demandas e preocupações das pessoas que comentaram nas *lives* do governador nesses dois períodos e buscamos compreender como a comunicação estabelecida neste canal pode ter ou não reflexo na compreensão das pessoas sobre o avanço da doença, as implicações no contexto social e econômico do Estado, bem como as relações dessa comunicação com o funcionamento do Facebook enquanto plataforma de mediação.

Inicialmente trataremos conceitos que consideramos relevantes para a análise sobre redes sociais na internet e o debate sobre plataformas e plataformização. Na sequência introduziremos questões sobre a comunicação política, contextualizando o cenário da comunicação sobre a pandemia. Por fim, analisamos os comentários das duas *lives*

³ Fonte: <http://abre.ai/bqmI> Acesso em 3 ago. 2020.

⁴ Fonte: <http://abre.ai/bqmJ> Acesso em 3 ago. 2020.

do governador Eduardo Leite por meio de um aporte metodológico que combina análise de discurso e análise de produção de sentidos em rede.

2. Redes sociais e plataformas

O Governo do Estado do Rio Grande do Sul soma 698,4 mil seguidores nas suas três principais redes sociais. São 528 mil no Facebook, 107,5 mil no Twitter e 62,9 mil no Instagram⁵. O montante corresponde a 6,18% da população gaúcha, estimada em 11,3 milhões pelo IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística) para o ano de 2019. Desde o início da pandemia, em meados de março, as redes sociais digitais do governo gaúcho, que já eram importantes canais de comunicação com a sociedade, vêm sendo ainda mais utilizadas como fonte de informação. Todos os dados e esclarecimentos relacionados à Covid-19, formas de prevenção, conscientização e, a partir de maio, todas as regras, bandeiras e atualizações do Plano de Distanciamento Controlado⁶, começaram a fazer parte do cotidiano da comunicação do governo com as pessoas de maneira direta, pelas redes.

O jornalismo brasileiro enfrenta desafios na cobertura da pandemia, por dificuldade de acesso às informações e pelas atitudes de um governo federal que, em meio a disputas políticas, pouco contribui para organizar o gerenciamento da crise sanitária. Além disso, a desinformação no Brasil se agrava desde que a Covid-19 se espalhou pelo mundo. As *lives* foram um recurso usado logo no início da adoção das medidas de isolamento e distanciamento social, de modo que no Rio Grande do Sul o governador Eduardo Leite tem utilizado o formato para comunicar a população sobre, inclusive, o seu estado de saúde, pois também foi infectado com o coronavírus no mês de julho.

Neste momento em que o mundo enfrenta uma pandemia e que espaços como o Facebook têm sido apropriados por órgãos públicos para a comunicação de conteúdo de interesse público, é essencial refletirmos sobre a relação dessa comunicação com o am-

⁵ Os dados foram atualizados no dia 31 de julho de 2020, às 23h30.

⁶ Disponível em <http://abre.ai/bqmK> Acesso em 3 ago. 2020.

biente no qual este processo se estabelece. Segundo dados da Rock Content⁷ são cerca de 130 milhões de usuários de Facebook no Brasil. O funcionamento de publicação e a maneira como os conteúdos são visibilizados, as estruturas e as formas de organização do Facebook, devem ser considerados aqui. Poell, Nieborg e Van Djick (2020, p. 4) entendem plataformas como “infraestruturas digitais (re)programáveis que facilitam e moldam interações personalizadas entre usuários finais e complementadores, organizadas por meio de coleta sistemática, processamento algorítmico, monetização e circulação de dados”. Este caráter (re)programável das plataformas tem a capacidade de alterar funções e criar novas formas de interação – algo feito a partir da observação do comportamento dos usuários e da resposta que os algoritmos fornecem ao interpretar as atividades dos usuários. Um exemplo é o botão “força” ou “cuidado” - “care”, no inglês - anunciado em 17 de abril pelo Facebook, como reflexo da pandemia.

Em uma primeira observação sobre os comentários das *lives* do governador Eduardo Leite, percebeu-se que ali se constituía um espaço de disputas de sentidos, em que parte dos cidadãos fazia defesas do seu setor, das suas opiniões, gerando um conjunto de ramificações no entendimento sobre os rumos da pandemia e as atitudes do governo. Tentar perceber os movimentos desses atores, que, conforme pontua Recuero (2015), não são absolutamente discerníveis de pronto, nos mobilizou a formular algumas questões sobre a comunicação dentro de uma plataforma de rede social. Quais os sentidos podem ser identificados nas *lives*? Como esses sentidos eram ressignificados nos comentários? Qual a visibilidade que esses sentidos alcançavam no Facebook? Como acontecia a interação entre o governador e os cidadãos?

Em algumas das *lives*, mal era possível ler um comentário, tamanho era o ritmo de participação das pessoas. Os atores ali envolvidos formam o que Recuero (2015) chama de nós de uma rede, conexões diversas que se formam a partir das interações. Em algumas *lives* foi possível perceber a formação do que Fragoso, Recuero e Amaral (2015, p. 120) chamam de rede ego: “uma rede traçada a partir de determinado ator”. Isso é visível a partir de comentários que começam a ser ranqueados pelo Facebook como “mais relevantes”. Porém, o quão relevante para o debate, naquele momento da pandemia, era

⁷ Disponível em <http://abre.ai/bqmN> Acesso em 31 jul. 2020.

mesmo tal comentário? Seria somente a plataforma a responsável pela definição dessa relevância?

Para o Facebook, o comentário se torna relevante para quem acessa se for feito por amigos, páginas ou perfis verificados ou, então, o comentário com mais curtidas e/ou respostas⁸. Neste caso, o comentário é uma conexão com a publicação primeira; as interações com esse comentário formam novas conexões, a partir de novos atores. É importante pensarmos sobre o conceito da rede ego porque nos ajuda a enxergar os sentidos que mais emergem a partir das interações de uma determinada publicação. Por exemplo: se o governador, durante a *live*, anunciou o fechamento de todo o comércio e os cinco comentários definidos pelo Facebook como “mais relevantes” em função do número de curtidas/respostas são contrários ao fechamento do comércio, logo é possível extrair um sentido dessas interações.

Sob esse aspecto, o Facebook pode ser considerado estrutura de comunicação a partir das perspectivas de a rede ser uma infraestrutura, uma plataforma ou as duas coisas ao mesmo tempo. Entre as quatro propriedades de dados oriundos das redes sociais elencados por Fragoso, Recuero e Amaral (2015, p. 125), destacamos o grau de conexão e a centralidade. Enquanto o grau de conexão trata da quantidade de conexões de um nó em específico, a centralidade diz respeito à “popularidade” deste nó. Estes dois conceitos são importantes porque servem, segundo as próprias regras do Facebook, para eleger um comentário como “mais relevante”, que estarão mais bem ranqueados em uma publicação.

Plantin *et all* (2018, p. 303) abordam o Facebook a partir de uma infraestrutura de mídia e os caminhos trilhados por ele que geram um monopólio em determinados mercados. Os autores destacam que o Facebook concentra cerca de 60% da transmissão de conteúdos via redes sociais no mundo, o que o caracteriza como uma “infraestrutura de fato”. O que se vê, a partir dos comentários analisados é a transcendência de uma comunicação tão somente, chegando à organização de “relações sociais e conexão on-line de maneira geral” (PLANTIN *et all*, 2018, p. 34). O Facebook, afinal, é uma infraestrutura ou uma plataforma? Os autores o veem a partir das duas visões. Como infraestrutura

⁸ O que significa "Mais relevantes" em uma publicação de uma Página do Facebook? Disponível em <http://abre.ai/bqmO> Acesso em 31 jul. 2020.

ra, há um movimento de expansão do Facebook, sendo incorporado às nossas vidas e assumindo funções de gerenciamento cotidiano de nossas ações. A visão do Facebook como plataforma, defendida por Plantin *et all* (2018, p. 35), centra-se no caráter lucrativo da empresa, a partir de dados coletados dos seus usuários “implantando sua visão íntima das atividades e relacionamentos dos usuários em benefício de anunciantes”.

Ao analisar o termo plataforma numa aproximação com a ideia de intermediação, Gillespie (2017) chama a atenção para a face oculta desta noção. As plataformas digitais, segundo o alerta que ele faz, não são planas, pois as informações que se movem dentro e ao seu redor são moldadas pelos mecanismos da própria plataforma, e nesse sentido começam as restrições que mencionamos na introdução. Essas modulações só podem mudar, e de fato mudam, de acordo com os proprietários da plataforma, ou pelo controle de programadores, desenvolvedores, designers. As conversações sobre política no âmbito das redes sociais deveriam conectar grupos diversos. As plataformas e seus mecanismos de algoritimização, no entanto, impedem, em alguma medida, que opiniões e posicionamentos diferentes se encontrem, anulando as controvérsias e inflando a polarização. O trabalho de Fuchs (2015) detalha estas limitações que fragmentam as discussões em função das configurações que levantam muros entre os usuários. Dessa forma, a responsabilidade da plataforma deve ser levada em conta, diante do complexo aparato de moderação de conteúdo e governança que foi construído para a aplicação de diretrizes próprias. Todas essas intervenções que são feitas são opacas e negligenciadas. Essa moldagem das práticas rotineiras a partir de mecanismos que não são transparentes e que controlam as interações dos usuários coloca em risco a segurança das relações entre as pessoas, pode expor dados que não deveriam ser expostos, entre outras questões que vem sendo discutidas sobre o funcionamento das plataformas sobre as ações e os dados dos usuários.

3. Comunicação política e participação cidadã no contexto da pandemia

Um dos pontos centrais de uma democracia liberal é a participação política dos cidadãos nas discussões que envolvem ações do poder público (GOMES, 2011), e o que vimos foi o emprego de dispositivos, aplicativos e ferramentas formando o alicerce des-

sa forma de participação que serve para “suplementar, reforçar ou corrigir aspectos das práticas políticas e sociais do Estado e dos cidadãos, em benefício do teor democrático da comunidade política” (GOMES, 2011, p. 27). É preciso destacar que o posicionamento tecnodeterminista sobre a participação política cidadã, que omite a dimensão simbólica e cultural das práticas democráticas (GERBAUDO 2019), não coincide com nossa argumentação. Ao tentarmos compreender a emergência de sentidos nos comentários das *lives* que partem de uma figura política, entendemos que não se trata apenas da mediação tecnológica, mas da multiplicidade de fatores sociais e culturais envolvidos que demarcam as conversações estabelecidas.

Precisamos, também, contextualizar o conceito de democracia e os riscos reais que se colocam diante dela no Brasil atual. Não se pode atribuir exclusivamente à figura do presidente Bolsonaro o papel de propagador de informações falsas e distorcidas sobre a pandemia: desde que reduzir a circulação de pessoas, através da diminuição da atividade econômica, não surtiria efeito diante da pandemia, até a difusão de que a hidroxiquina era a medicação ideal para o tratamento da doença. Contudo, o que se vê nos comentários que serão aqui analisados, é um alinhamento maior, especialmente em julho, com as opiniões difundidas pelo governo central, tendo na figura do presidente destacado apoio. Mudde (2019), pesquisador da ultradireita há mais de 30 anos, diz que no caso do Brasil, Bolsonaro tem uma categoria própria no que tange a resposta à Covid-19, como o “líder de ultradireita mais ignorante e mais isolado do mundo”, com suas atitudes negacionistas, descumprindo medidas determinadas pela OMS e desconsiderando os riscos da doença.

As manifestações explícitas de narrativas golpistas, presentes em atos de rua que ocorreram com maior força nos meses de abril e maio, também incrementam o cenário de circulação de informações no circuito digital durante a pandemia. cremos que seja possível encaixar toda essa narrativa no que já era visível em meses anteriores: uma crise do regime de democracia liberal – não com relação ao liberalismo econômico, mas às liberdades democráticas (MOUNK, 2019). Não conseguindo dissociar a narrativa bolsonarista sobre a pandemia dos abalos democráticos aos quais o país já vinha sendo submetido, há o desequilíbrio do que Mounk (2019) chama de balança de poder entre *insiders* e *outsiders* da política pela emergência do cenário comunicacional digital. O

autor pensa nas complexas relações de regimes e suas populações ao redor do mundo, sem deixar às margens o debate sobre o digital na configuração dos governos e nas crises estabelecidas. Ao apontar três frentes que possam surtir efeito na “crise existencial da democracia liberal” (MOUNK, 2019, p. 32), cita, entre elas, a necessidade de se refletir sobre a forma como mensagens de ódio e de desinformação são recebidas e não apenas difundidas. Embora o foco deste artigo seja a participação cidadã nas *lives* do governador do Rio Grande do Sul, não vislumbramos uma análise local que não abranja o cenário nacional e macro. Além disso, a circulação de informações e notícias que contribuem para a desinformação e conseqüente agravamento da crise da democracia liberal refletem diretamente nos comentários feitos nas plataformas.

Durante as *lives* do governo gaúcho na pandemia, por exemplo, vemos associações, de discordância e concordância, ocorrendo de maneira orgânica e volátil a partir dos comentários feitos; elementos de like, amei, triste, surpreso, etc., além das respostas, materializam a criação de movimentos temporais. Tomamos o entendimento de Maia (2011) para pensarmos a importância de não se ignorar ou negligenciar a participação individualizada dos sujeitos no contexto político, fora de mecanismos tradicionais de associação e organização, e questionar sobre a efetividade da participação. Enquanto muitos “gritam” nos comentários, alguém está ouvindo? Na base há processos de interação muito bem estabelecidos, para concordar e endossar, discordar, contrapor e atacar. O poder de pressionar as instituições públicas, detentoras da possibilidade de definir as regras de gerenciamento e combate à pandemia, estaria também com os cidadãos e sua participação através das plataformas? Ou estaria mais condicionado aos que fazem associações organizadas, em geral fora das redes, com pressões de bastidores? Maia (2011, p. 61) entende que o regime democrático precisa dessas duas formas de manifestação, do individual e do coletivo, embora criem-se arestas: “a tensão sempre presente entre o elemento consensual e cívico, correspondente à inserção numa dada comunidade, e o elemento frequentemente conflituoso correspondente à afirmação autônoma de cada membro individual da coletividade”.

No próximo item abordaremos o corpus de análise para iniciar o movimento metodológico.

4. Seleção do corpus de análise

Escolhemos duas *lives* para análise: uma de 27 de março⁹ e a outra de 27 de julho. A escolha da primeira se deu porque nessa data já haviam se passado mais de duas semanas desde a confirmação do primeiro caso no estado. Em 27 de março, o RS tinha 291 casos confirmados da doença, segundo dados da Secretaria Estadual de Saúde¹⁰. Entendemos que, analisando uma *live* com um número mais elevado de casos e com as medidas restritivas sendo impostas também em maior escala, teríamos resultados mais satisfatórios para compreender os sentidos que emergiam dos comentários. Dia 27 de julho foi tomado como uma data comparativa para termos um período de meses fechado, no caso quatro meses (120 dias). Neste dia, o Rio Grande do Sul tinha 67.789 casos de Covid-19.

Abaixo, uma tabela¹¹ compara os números das duas *lives*:

Tabela 1: Dados numéricos das duas *lives*

| Data | Duração | Likes | Amei | Bravo | Preocupação | Triste | Rindo | Surpreso | Views | Comentários |
|------|---------|---------|---------|-------|-------------|--------|-------|----------|-----------|-------------|
| 27/3 | 19:28 | 6,4 mil | 1,1 mil | 197 | n/a | 53 | 51 | 41 | 515,6 mil | 3,1 mil |
| 27/7 | 40:55 | 3,1 mil | 869 | 306 | 254 | 57 | 31 | 20 | 154,1 mil | 4 mil |

Fonte: autoria própria

Diante da impossibilidade de analisar mais de sete mil comentários, analisamos os 50 comentários mais relevantes de cada uma das *lives*. O critério de relevância é o adotado pelo Facebook que, conforme já citado, leva em consideração três pontos para ranquear um comentário como relevante: se ele foi curtido, feito ou respondido por um amigo seu (esse critério faz com que os comentários relevantes possam variar de pessoa para pessoa), se foi curtido, feito ou respondido por um perfil ou página verificados ou, então, os comentários que tenham maior interação, seja através dos botões de curtir,

⁹ As *lives* estão disponíveis nos links <https://bit.ly/Leite2703> e <https://bit.ly/Leite2707>. Acesso em 1 ago. 2020.

¹⁰ Fonte <https://ti.saude.rs.gov.br/covid19/>. Acesso em 1 ago. 2020.

¹¹ Dados levantados no dia 29 de julho.

Figura 2: Nuvem de palavras dos comentários na *live* de 27 de julho de 2020.



Fonte: Autoria própria (2020)

Na Figura 1, se destacam palavras como “parabéns”, “governador”, “não”, “governo”, “povo”, “trabalhar”, “empresas”, “precisamos”, “presidente”, “empresas”, essas usadas em comentários de março, no início da pandemia. Já em julho, a partir da Figura 2, tem-se como palavras e termos mais usados “governador”, “comércio”, “preservadas”, “abençoe”, “pessoas”, “aglomeração”, “Deus” e “festinhas”. Em 27 de julho, a população gaúcha já convivia há 130 dias com medidas de restrição da circulação e fechamento de estabelecimentos, incluindo escolas e comércio.

Percebe-se, com base nessas nuvens de palavras, que há algumas mudanças sobre os sentimentos das pessoas com relação ao cenário da pandemia. A leitura dos comentários revela que em março, quando transcorriam apenas duas semanas da confirmação do primeiro caso de Covid-19 no Rio Grande do Sul e 11 dias desde o início das primeiras restrições, o governador detinha mais apoio perante a população. Em julho, diversas menções ao comércio, a trabalho, à fome e a festinhas (no sentido de desrespei-

to às medidas impostas pelo governo) revelam um tom diferente, de maior insatisfação com o governo, pois nessa altura, no final de julho, diversas regiões do estado ainda permaneciam com restrições de atividades econômicas. Há menções à perda de empregos e pedidos de retomada ao trabalho. A semana entre 21 e 27 de julho teve oito regiões na bandeira vermelha no Plano de Distanciamento Controlado. Essa caracterização impede, por exemplo, a abertura de comércios não essenciais. Entre as regiões estavam a Capital e toda a Região Metropolitana, congregando, ao todo, 63,3% da população do estado¹². Em muitos comentários as palavras comércio, fechado, abrir, povo, culpado refletem insatisfação popular.

Essa mudança de tom é ainda mais percebida quando os comentários são analisados¹³. Para tentar compreendê-los, nos inspiramos na Análise de Discurso (AD) como método, através de Benetti (2016), para quem a constituição do sujeito ocorre a partir da linguagem. Por linguagem, desde uma perspectiva funcionalista, pensamos num mecanismo mediador, que possibilita o contato entre emissor e receptor, mas que apenas tem razão de existir se acionada por quem deseja emitir a mensagem. Trazermos o conceito de formação imaginária e posição do sujeito (BENETTI, 2016), que se traduzem na demarcação de lugares em um sistema de conversação: o governador fala, o povo escuta; o povo se manifesta, se estabelecem conversações paralelas e sentidos de formam. Os sujeitos, fundamentais para a AD, segundo Benetti (2016), ocupam posições diversas e estão em movimentação.

Para analisar a diversidade de sentidos que emergiu dos comentários, nos baseamos na análise de construção de sentidos em rede (HENN, GONZATTI E ESMITIZ, 2017). O método funciona com o mapeamento dos dados, que no caso foi a identificação das *lives* analisadas, para a posterior análise dos comentários, a partir do agrupamento em constelações pelas atribuições de sentidos que cada um recebe. Por fim é feita uma leitura conjunta das constelações para aproximar a verificação dos sentidos que emergem com as referências teóricas levantadas a partir da problemática construída.

¹² Fonte: <http://abre.ai/bqmR> Acesso em 1 ago. 2020.

¹³ Os comentários foram transcritos para o artigo exatamente da forma como constavam nas publicações do Governo do Estado do RS em 29 de julho de 2020. Foram mantidas abreviações e eventuais erros de ortografia.

É interessante perceber os movimentos que ocorrem a partir dos comentários feitos nas *lives* do governador. As conexões que se dão através deles os tornam “mais relevantes” a partir das regras atuais do Facebook. Logo, eles são mais bem ranqueados e aparecem primeiro. Eram 3,1 mil em uma e 4 mil na outra. Neste ponto é importante pensarmos nas mensagens dos comentários enquanto discurso e tendo, pelo menos, dois sujeitos como interlocutores, um individual (o governador) e um coletivo (as demais pessoas que estão acompanhando a *live* ou irão acessar o vídeo posteriormente). Se “não existe um sentido literal residindo no texto” (BENETTI, 2016, p. 239), tomamos as relações intersubjetivas como possibilitadoras da produção de sentido do discurso. Para Benetti (2016), existem, em uma análise de sentidos a partir do discurso, duas camadas: a camada discursiva (o que literalmente está posto) e a camada ideológica (os sentidos que emergem do discurso). Elas são centrais para as reflexões dos parágrafos a seguir.

Ainda que houvesse uma diversidade de posicionamentos sobre as ações do governo em março e também em julho nas *lives*, o que se percebe é que os sentidos mudaram entre os 50 comentários considerados pelo Facebook como os mais relevantes das duas *lives*. Na primeira *live*, o comentário elencado como mais relevante pelo Facebook foi “*Povo louco em 15 dias já vão morrer de fome... Se cuidem! Empatia e solidariedade, ajudem quem puder e se precisar de ajuda, peça #fica em casa*”. Esse comentário revela parte da percepção daquele momento, o de que a quarentena não duraria muito. Ele teve 40 curtidas e 16 respostas. Percebe-se apoio às decisões do governador, naquele momento restringindo atividades econômicas. “*Clareza na comunicação. Sim, aqui temos um governador ! Sensato, estou orgulhosa de ter votado em vc. Parabéns!*” e “*Eduardo leite.... Me vejo neste momento concordando com tudo o que vc fala, parabéns pelas atitudes responsáveis*” são comentários que aparecem entre os dez mais relevantes segundo o Facebook.

Já na segunda *live*, o comentário mais relevante, de acordo com as regras do Facebook, dizia que “*O que falta é bom senso do povo, pois muitos não estão nem aí, fazendo festa, indo para bar... Academia agora é moda*”. Com 18 reações, sendo 16 curtidas e dois com emojis de tristeza, o comentário teve apenas uma resposta, que questionava “*onde????*”. Logo abaixo, começam a aparecer comentários mais críticos ao governador Eduardo Leite, como “*Desumano são as pessoas perdendo empregos, em-*

presas falindo por causa de decisões ineficazes. Não morrem de coronavírus mas morrem de fome, depressão. Uma vergonha o que está sendo feito” e “Caxias quebrada do Sul ...graças a vc com está bandeirinha de M ...Comércio não é culpado ... medidas restritivas que não servem pra nada. Vc foi as compras que testou positivo ?????”. Três dias antes dessa *live*, em 24 de julho, o governador anunciou que havia testado positivo para a Covid-19.

Seguindo o método de análise de construção de sentidos em rede, identificamos um conjunto de constelações de sentido presentes nas duas *lives*:

Quadro 1: constelações de sentido

| | |
|-----------|---|
| Elogios | Elogiam a condução da crise. Alguns também recomendam que as medidas de restrição sejam mantidas e até reforçadas. |
| Alertas | Avisos, alertas que as pessoas fazem à população que não respeita as medidas de isolamento e, por isso, pode vir a se infectar e, até mesmo morrer. |
| Dúvidas | Perguntas sobre medidas de prevenções, situações de emprego, vacinas, bandeiras, desconto ou prorrogação de impostos, entre outras. |
| Pedidos | Apelos pela abertura do comércio, liberação para trabalho, abertura de escolas, afrouxamento do distanciamento social, entre outros. |
| Sugestões | Opiniões diversas sobre como o governador deve proceder no contexto de crise. |
| Críticas | Opiniões contrárias às medidas tomadas pelo governador e críticas diversas sobre seu governo. |

Fonte: autoria própria

Não é possível afirmar que as mesmas pessoas mudaram de entendimento entre março e julho, mas sim o entendimento que mais apareceu nas *lives*, as opiniões mais engajadas e com mais interações, feitas através dos comentários e reações a esses comentários foram de tons diferentes em março e em julho. Se em março havia reações positivas com as atitudes de Leite, e mensagens de parabéns, confiança, força e sensatez eram direcionadas ao governador de maneira mais intensa, em julho o que se percebe são preocupações quanto ao fechamento do comércio, à perda de empregos, à sensação de pânico supostamente causada pelo governo e ao desrespeito das medidas de isolamento pelas pessoas, a partir da promoção de festas e aniversários. Em julho há um aumento de comentários na categoria de críticas, pedidos e alertas, bem como um tom mais intenso na crítica ao impedimento de muitas pessoas não poderem trabalhar.

5. Apontamentos finais

A oscilação e a disputa de sentidos nas plataformas digitais não seriam, por si só, uma novidade. Diversas pesquisas dão conta, já desde a década passada pelo menos, de mobilizações no contexto das redes sociais na internet. No entanto, o *insight* para este artigo ocorreu quando, ainda em março, começamos a observar os comentários em *lives* do governador do Rio Grande do Sul, Eduardo Leite, e do prefeito de Porto Alegre, Nelson Marchezan Júnior, em meio à pandemia. Nunca vimos nenhuma menção de resposta aos comentários a partir de quem falava nas *lives*; os retornos resumiam-se às perguntas que chegavam da imprensa. Mesmo assim, perguntas e mais perguntas permeavam os espaços para comentários nas *lives*, fossem no Facebook, ou no YouTube. As *lives* de atualizações sobre a pandemia feitas pelo Governo do Estado do RS centram-se sempre no Facebook, com eventuais transmissões simultâneas no YouTube.

Mais do que identificar a transformação das demandas e nos sentidos manifestados através dos comentários de uma *live* para a outra, cabe ressaltar que, de acordo com o objetivo traçado inicialmente, o entendimento – ou a falta dele - das pessoas sobre o avanço da pandemia e as implicações sociais e econômicas sobre o Estado despontam nestes comentários. Percebe-se que essa emergência acontece atravessada por um conjunto de questões que vem sendo investigado em função de diferentes problemas que

causam nas relações comunicacionais. A desinformação gerada não só pelo próprio comportamento negacionista do presidente do Brasil, é impulsionada por mecanismos de funcionamento das plataformas pelas quais são disseminadas as informações e notícias sobre a pandemia. Ainda que plataformas como o Facebook assumam o compromisso de efetivar parcerias com agências de verificação para frear a escalada das *fake news*, o algoritmo da ferramenta ainda funciona privilegiando uma grande quantidade de conteúdo impulsionada por perfis falsos, robôs e até mesmos indivíduos que por vontade própria ou não disseminam a desinformação. A interferência dessa atividade, pela determinação da relevância nos comentários, pode, por vezes interferir nas pautas jornalísticas. Uma questão que se abre a partir dessa investigação é sobre como a imprensa gaúcha repercute as *lives* do governador, já que os comentários devem interferir na redação das matérias.

Os elementos com os quais trabalhamos nos instigam a pensar e colocar em questionamento o cenário macro no qual estamos inseridos, pois demonstram o quanto o Facebook limita as manifestações de sentido, ao decidir o que é ou não visto por cada usuário, sendo capaz de definir os rumos de uma crise, já que controla a relevância do que é ou não visualizado e para quem.

Referências

- BENETTI, M. Análise de Discurso como método de pesquisa em comunicação. In: LOPES, Maria Inmacolata Vassallo de; MOURA; Cláudia Peixoto de. **Pesquisa em Comunicação: Metodologias e Práticas Acadêmicas**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2016.
- CASTELLS, M. **Sociedade em Rede**. Paz e Terra: São Paulo, 2003.
- PAPACHARISSI, Z. (2009). **The virtual sphere 2.0: The Internet, the public sphere and beyond**. In Chadwick, A., Howard, N. (Eds.), Routledge handbook of internet politics (pp. 230–245). London, England: Routledge
- COULDRY, N.; MEJIAS, U.A. **The costs of connections: how data is colonizing human life and appropriating it for capitalism**. Stanford University Press, Stanford California. 2019
- FRAGOSO, S.; RECUERO, R.; AMARAL, A. **Métodos de pesquisa para a internet**. Porto Alegre: Sulina, 2015.
- FUCHS, C. **Mídias sociais e a esfera pública**. Revista Contracampo, 34, 35–80. 2015.

GERBAUDO, P. Del **ciber-autonomismo al ciber-populismo: una historia de la ideología del activismo digital**. En Defensa del Software Libre, 2019. Disponível em https://endefensadelsl.org/ciber_autonomismo-binder.pdf Acesso em 8 ago. 2020.

GOMES, W. **Participação política online: questões e hipóteses de trabalho**. In: GOMES, Wilson; MAIA, Rousiley C. M.; MARQUES, Francisco J. A. (Orgs.). Internet e participação política no Brasil. Porto Alegre: Sulina, 2011

GILLESPIE, T. **The Platform Metaphor, Revisited**. *Digital Society Blog*. 24 ago. 2017. Disponível em: <https://www.hiig.de/en/the-platform-metaphor-revisited/> Acesso: 1 ago. 2020.

HENN, R.; GONZATTI, C.; ESMITIZ, F. **Pussy made of steel: os sentidos inaugurados por um cartaz da Women's March na página Supergirl Brasil**. *Revista Fronteiras – Estudos Midiáticos*, São Leopoldo, v. 19, n. 3, p. 401-414, set./dez. 2017.

MAIA, R.C.M. **Internet e esfera civil: limites e alcances da participação política**. In: GOMES, Wilson; MAIA, Rousiley C. M.; MARQUES, Francisco J. A. (Orgs.). Internet e participação política no Brasil. Porto Alegre: Sulina, 2011.

MOUNK, Y. **O povo contra a democracia: por que nossa liberdade corre perigo e como salvá-la**. 1ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

MUDDE, C. **The far righ today**. Polity Books, 2019.

PLANTIN, J.; LAGOZE, C; PAUL, E. N.; SANDVIG, C. **Infrastructure studies meet platform studies in the age of Google and Facebook**. *new media & society* 2018, Vol. 20(1) 293–310.

POELL, T; NIEBORG, D; VAN DJICK, J. **Plataformização**. *revista Fronteiras – estudos midiáticos* 22(1):2-10 janeiro/abril 2020. Disponível em <http://revistas.unisinos.br/index.php/fronteiras/article/view/fem.2020.221.01> Acesso em 1 ago. 2020.

RECUERO, R. **Redes sociais na internet**. 2ª ed. Porto Alegre: Sulina, 2015.